

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O PROBLEMA DA AVALIAÇÃO EM GEOGRAFIA

Nilbiamater Silsear Berlese Handschunch

Boletim Gaúcho de Geografia, 8: 49-52, maio, 1980.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37636/24288>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1980

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O PROBLEMA DA AVALIAÇÃO EM GEOGRAFIA

NILBIAMATER SILSEAR BERLESE HANDSCHUNCH*

Avaliação é um processo global que envolve dinamicamente os domínios cognitivo, afetivo, psico-motor.

Os comportamentos de ordem cognitiva tratam das habilidades de memória e habilidades de pensamento reflexivo.

Os comportamentos de ordem afetiva (sócio-emocionais) tratam das atitudes, apreciações e ajustamentos necessários à convivência social.

Os comportamentos de ordem psico-motora tratam de habilidades motoras em termos de equilíbrio corporal e manipulações adequadas.

Uma avaliação dentro do processo ensino-aprendizagem pode apresentar características diagnósticas, formativas e somativas.

A avaliação diagnóstica é aquela que se propõe verificar as condições que o aluno apresenta para realizar determinadas aprendizagens. Ela permite definir as diferenças individuais encontradas em sala de aula; e oferece possibilidades para um acompanhamento posterior às deficiências constatadas.

A avaliação formativa possibilita a recuperação das deficiências observadas e informa o professor e o aluno sobre o rendimento do ensino e da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades escolares.

A avaliação somativa tem o objetivo de fornecer em grau, conceito ou parecer o desempenho do aluno ao final de um trabalho, unidade, semestre, ano, etc.

É importante definir que uma mesma avaliação pode servir de fonte diagnose, fonte formativa e até de fonte somativa. Tudo vai depender da finalidade que o professor der ao instrumento avaliativo ou, do uso que fizer das informações colhidas pelo referido instrumento.

Quando se trata de organizar situações de ensino com base na disciplina de Geografia e de avaliar os rendimentos do processo por parte do aluno não se foge a esta regra.

Pode-se planejar e elaborar um instrumento de avaliação para situações de ensino aprendizagem a nível de 1º e 2º graus que se

(*) Mestre em Educação - UFRGS.
Geógrafo - UGC - CEMAPA - SEC. AGRICULTURA.

prestem para informar ao professor e ao aluno quanto às suas dificuldades particulares, com relação à área instrucional da Ciência Geográfica, quanto ao seu crescimento na medida em que estas dificuldades vão sendo atendidas e fornecendo-lhe um grau ou conceito final no momento em que os objetivos terminais foram alcançados.

Os procedimentos de avaliação em Geografia devem ser respondentes aos objetivos pensados, tanto quando se realiza uma avaliação diagnóstica, somativa ou formativa.

Quando se desenvolve um processo de ensino aprendizagem com conteúdos de Geografia não necessários serem definidas as intenções básicas com este processo, isto é, devem estar claramente enunciados os objetivos a alcançar com este determinado grupo de alunos.

Todos os modos e meios de ação que serão ensejados pelo professor desse grupo de alunos além de atenderem e estarem vinculados a uma série de variáveis, deverão fundamentalmente estar a ser viço do alcance mediato ou imediato dos objetivos visados.

Assim ao propor qualquer tarefa de aprendizagem para um aluno na disciplina de Geografia deve o professor se preocupar de verificar o que se pretende que esse aluno alcance tanto em termos de desenvolvimento de habilidades de pensamento como de hábitos, atitudes, valorações, etc.

O problema crucial que se apresenta para a disciplina de Geografia é a situação de sua exigua carga horária e o quadro de pretensões do professor face a sua classe, onde ele não está somente interessado em que seus alunos sejam capazes de evocar conhecimentos de fatos específicos de Geografia mas, fundamentalmente, em que se desenvolvam neles um pensar científico, um desenvolvimento do processo reflexivo, que se acha em curso, e em que seus alunos sejam capazes de tomar decisões acertadas retiradas de um bom campo de informações e assumir as decisões tomadas.

Como realizar isto em tão reduzido tempo? Os professores sentem-se confusos entre a realidade oferecida e a realidade desejada. Como solução carencial poder-se-ia oferecer algumas sugestões alternativas como a de definir os conteúdos mais relevantes que devem ser objeto de organizações de situações de ensino; trabalhar particularmente estes conteúdos no sentido de que eles seriam o recurso especial para o alcance de desempenhos também relevantes em termos de domínio cognitivo, afetivo e psico-motor, quando for o caso.

O problema sério em avaliação da disciplina de Geografia é que se ficarmos só em nível de objetivos de conteúdos, isto é, na preocupação de que só a memória de nosso aluno seja desenvolvida e seja exercitada haverá uma diminuição sensível na qualidade do ensino a se refletir depois em outras áreas.

Por isso precisamos ter um quadro de referências teórico, bastante claro, e dele retirarmos os objetivos que posteriormente deveremos verificar seu alcance nos desempenhos finais apresenta-

dos pelos alunos através dos instrumentos de avaliação que lhe forem oferecidos.

O quadro de referências teórico de Bloom, está sendo no momento muito utilizado mas é preciso que os professores de Geografia ao utilizarem-se dele façam uma análise cuidadosa de cada categoria e sub-categoria, examinem seu significado, verifiquem sua hierarquia e tendo presente o corpo de princípios básicos que estruturam a natureza e a sistemática da Geografia, verifiquem das possibilidades da sua aplicação em suas aulas. Haverá, provavelmente, necessidades de remanejamentos e reformulações a fim de que sua aplicação seja respondente à essência da Geografia.

Existem outras taxionomias que podem ser utilizadas pelos professores de Geografia. Gallagher, Taba e outros teórico na área da educação definiram habilidades de pensamento reflexivo excelentes, mas em todos eles teremos de ter o cuidado como professores de Geografia, de estabelecer esquemas orientadores para nós que sejam afamiliados com o espírito da Geografia.

LEITURAS SUGERIDAS

- Bloom, B. S. et alii. Taxionomia de objetivos educacionais; domínio cognitivo. Porto Alegre, Globo, 1972.
- Bloom, B. S. Krathwohl, D. R. & Masia, B. B. Taxionomia de objetivos educacionais; domínio afetivo. Porto Alegre, Globo, 1973.
- Bloom, Hastrugs & Madaus. Handbook on formative and summative evaluation of student learning. New York, McGraw - Hill Book Co. 1971.
- Esteves, Oyara. Objetivos educacionais. R. Janeiro, Fleury Esteves, 1968.
- Mager, Robert. Objetivos para o ensino efetivo. Rio Janeiro, Senai, 1971,
- Popham, W. James & Baker, Eva. Los objetivos de la enseñanza. Buenos Aires, Paidós, 1972.